

## *Caminhos Migrantes: identidade, matrimônio e memória*

Eliene Dias de Oliveira \*

**RESUMO:** Esse artigo é parte da pesquisa de doutorado “À procura de um norte: migração e memória de nordestinos em Coxim MT/MS (1958-1996)” (UFGD/Brasil) e tem como ideia basilar a análise dos silêncios, interditos e não ditos nas narrativas de migrantes oriundas da região Nordeste do país que vivem na cidade sul-mato-grossense de Coxim. Para essa problematização serão analisadas as narrativas de duas migrantes, denominadas pela autora como Sra. Joana e Sra. Rosa, enfocando a figura do marido e do matrimônio como elementos-chave na construção da leitura de suas trajetórias e de identidades que se forjam na relação tensa com o Outro. Logo, nas intrincadas teias forjadas entre o ontem e o hoje, entre os lugares sociais de mulher casada, separada ou viúva, desvela-se a complexidade das relações sociais presentes no viver das narradoras. A viuvez “inventada” e o calar-se em relação à separação dos antigos companheiros não são percebidas como inverdades, uma vez que “Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões”(B. MEIHY, 2006-153). Ao contrário, tais elementos podem ser percebidos a partir das relações de poder e das representações que se reafirmam historicamente em discursos e práticas, trazendo novos dimensionamentos ao papel exercido pelos sujeitos. Logo, a representação de si como viúva, a não assunção da condição de separada, os silêncios, as olvidações e as ocultações remetem aos meandros da memória, à forma como se permitem serem lidas e aos processos de subjetivação dessas mulheres.

### **Apresentação**

A proposta de analisar aspectos do processo de construção da identidade de migrantes nordestinas inspira-se no olhar de Puga e Borges (2006-128), ao considerarem que:

---

\* Professora Adjunta do Curso de História da UFMS/Campus Coxim. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFGD. Bolsista CAPES PDSE, com realização de estágio doutoral na *Università degli Studi di Genova*, Itália. É pesquisadora do Grupo de Estudos em Gênero, História e Interculturalidade e membro da Associazione Internazionale AREIA - audioarchivio delle migrazioni tra Europa e America Latina, com sede na Itália.

[...] é importante rastrear as fontes, decodificar os símbolos, ações e representações construídas socialmente, que levaram homens e mulheres a agirem e perceberem o mundo, segundo suas óticas particulares, herdadas ou impostas socialmente, através da cultura e das relações de gênero. Sendo sexualmente produzidas as referências culturais percebidas, devemos evitar trabalhar com posições binárias e tentar perceber as relações de poder como construções culturais, em que a dominação se traduz num jogo, numa cumplicidade entre os sexos.

Nesse sentido, o gênero se apresenta como uma categoria relacional que traz a nua o ser homem e o ser mulher enquanto categorias simbólicas, construídas histórica e culturalmente. O gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995-14), contribuindo significativamente para ampliar a compreensão das relações humanas.

Essa abordagem torna-se salutar, quando se almeja ampliar os significados do que é ser migrante para além do mundo do trabalho. Em seus caminhar, as mulheres das quais falo constituíram-se protagonistas do processo migratório, atuando diretamente no curso deste, como evidencia a análise das trajetórias de Rosa e Joana. Ademais, constituíram-se sujeitos em meio a esse processo carregado de significados e silêncios.

### **Sra. Joana<sup>1</sup>: “o fim do mundo”**

Sra. Joana morou no Sítio dos Bredos, no Município de Monteiro, Paraíba, até o casamento. Morava com os pais e os onze irmãos. A família cultivava algodão no pequeno sítio. A vida era simples e “boa”, pois “Tinha muita fartura, tinha muita coisa, tinha algodão, a casa era cheia! Vendia aquele caminhão até na ponta, aquela carga de algodão.

---

1 Sra. Joana (pseudônimo) tem 83 anos e é dona de casa. Nasceu em 18/08/1933, em Monteiro, Paraíba. Estudou até a 4ª série primária. É divorciada. Tem 07 filhos e mudou-se para Coxim em 1977. Nesse mesmo ano foi assinado o decreto de constituição do Estado de Mato Grosso do Sul, que passou a vigorar em 1979. Portanto, na análise de suas falas utiliza-se os termos Antigo Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a depender do contexto a que se refere. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira*. Coxim/MS: 16/04/2013.

Ia pra loja, comprava de tudo, de tudo. Era uma vida maravilhosa. Trabalhava! Mas era vida boa”.

Além do algodão, plantavam milho e feijão. Criavam também gado, “tinha as ovelhas, tinha criação de bode, de vaca, [...] cavalo, jumento, tudo, tudo essas coisas. E a gente mexia com tudo, dava banho, levava pra dar água...”. A partir dos sete anos, todos trabalhavam na “roça” para ajudar ao pai. À medida que cresciam e se casavam, deixavam o lar dos genitores. “Só saíram pra casar, que trabalhar fora ninguém trabalhava.”

Sra. Joana se casou com o Sr. Paulo e tiveram sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres. O esposo era funcionário de uma empresa asfáltica e por isso a família se deslocava continuamente de cidade e mesmo de estado. “Morei em Campina Grande, morei na Bahia duas vezes, Euclides da Cunha na Bahia, morei em Salgueiro, Pernambuco, era cidade grande, desenvolvida.”

Quando a firma e seus funcionários foram para o antigo Mato Grosso, na década de 1970, a família permaneceu em Salgueiro, na Bahia. Fazia já cerca de três anos que não viam o pai e esposo, no entanto, em 1977, algo diferente ocorreu, mudando a trajetória de toda a família. Sr. Paulo fora construir uma ponte sobre o Rio Taquari, na cidade de Coxim. Agora, decidira que queria a família por perto. Resolvera que ficaria nesse lugar depois que o serviço da obra acabasse. “Ele gostou, ele ficou aqui trabalhando. A gente ficou lá em Salgueiro. Depois que ele mandou o dinheiro e eu vim pra cá com as crianças.”

Não era a primeira vez que a família migrava, porém sempre havia migrado para estados da região Nordeste. Agora, no pensamento da narradora, seguiam para “o fim do mundo!”. A viagem feita de ônibus por estradas sem pavimentação durou cerca de cinco dias e não foi das mais tranquilas.

O filho mais velho havia seguido para o antigo Mato Grosso à frente dos demais ao encontro do pai. Levara os documentos dos irmãos para providenciar as matrículas na escola. Quando da viagem da mãe e dos outros irmãos, retornou a São Paulo para encontrá-los, aguardando para seguir junto à família para Campo Grande e, posteriormente, Coxim.

A família já havia morado em várias outras cidades do Nordeste, algumas de porte considerável, como Campina Grande, na Paraíba. Da última mudança, vinham de Salgueiro, na Bahia e, ao chegarem a Coxim, estranharam muito a falta de estrutura da cidade. Alguns filhos já eram maiores, tinham uma melhor percepção do que se passava e fizeram coro à reação da mãe, não aprovando a nova escolha de moradia do pai. Em uma passagem, a narradora lembra da reação dos filhos ao conhecerem a nova cidade: “Irene ficou louca, o Pedro se tivesse dinheiro acho que tinha voltado no outro dia. Eles acharam a coisa mais esquisita. Aqui tudo era mato!”

Antes da chegada, a narradora imaginava Coxim como “o fim do mundo”. Ao chegarem ao lugar real que antes apenas existia em seu imaginário, o “fim do mundo” deu lugar a uma cidade povoada pela escuridão, pela ausência de serviços básicos como água encanada e luz elétrica, pela mata e pela lagoa que conviviam lado a lado com seus moradores, tornando a ida das crianças à escola uma verdadeira odisséia:

Nossa! Os meninos vinha do colégio, vinha correndo, tudo assustado. Passava aquela lagoa ali, passava dentro da água, passava dentro da água, tinha mais essa, não tinha manilha não pra passar, assim como tem hoje em dia. Passava dentro da água! Tirava o calçado, às vezes os meninos tirava umas madeira, umas tábuas, punha pra passar por cima, pra não passar na água. (Sra. Joana)

No Mato Grosso do Sul os filhos cresceram; o casamento entre Sra. Joana e Sr. Paulo foi desfeito; os filhos seguiram seus caminhos; a vida seguiu seu curso. Na data em que produziu esta narrativa, Sra. Joana planejava vender sua casa e mudar-se para Sonora-MS, cidade onde uma das filhas reside. Sobre seu passado e a migração para o antigo Mato Grosso avaliou:

Eu acho que foi uma boa coisa (a mudança) porque eles estão tudo trabalhando aqui perto, em volta de mim. Eu mesma fiquei no meio, eles tudo em volta. Eu acho legal. Foi melhor do que eu ficar lá e eles vim embora pra esse mundão aqui. Era mais difícil, né? E aqui foi bom porque ficou mais ou menos perto, né? Porque não é tão longe assim de visitar eles. Aqui foi uma maravilha! (Sra. Joana)

Atualmente, os filhos moram e trabalham no MS e no MT. Estão próximos, e por isso ela viaja constantemente para vê-los. Para ela, essa é uma situação boa, pois pode sempre visitá-los e constatar que todos estão bem, trabalhando. Como lazer, gosta de viajar e dançar forró. Recentemente viveu a grande alegria de presenciar a formatura do seu filho Fábio, “Dancei até seis horas da manhã!”

### **Sra. Rosa<sup>2</sup>: o trabalho era farto e o frio também**

Rosa Batista, trabalhadora rural e jovem esposa de Adão Batista, trabalhador de engenho de cana, em Vicência, interior de Pernambuco, aos 17 anos seguiu com seus familiares para o Antigo Mato Grosso. Era o ano de 1961, as condições não eram boas para os trabalhadores rurais do setor da cana na região onde viviam e a família toda passava por muitas dificuldades. “Era uma pobreza que passava até fome...”. Foi então que surgiu o convite de seu irmão que já estava no antigo Mato Grosso há 04 anos, para todos trabalharem juntos no plantio de arroz, na Fazenda Corixão, no Pantanal. Perante a possibilidade de trabalho e melhoria de condições de vida, a longa viagem começou a ser organizada, saindo do interior do Pernambuco com destino a Coxim.

Eliene Dias: E veio de onde?

Sra. Rosa: Vim do interior do Recife. Passemos no Recife quando a gente viemos, e seguimos a viagem de ônibus até São Paulo. Chegamos em São Paulo, pegamos o trem até Bauru. De Bauru, pegamos outro até Campo Grande. Em Campo Grande pegamos o ônibus pra Coxim.

Eliene Dias: E quanto tempo demorou essa viagem toda?

Sra. Rosa: Vixe, Nossa Senhora! Demorou tempo heim... nove dias. (Sra. Rosa)

---

<sup>2</sup> Sra. Rosa tem 70 anos, nasceu em 25/05/1944, em Vicência, Pernambuco. Não frequentou sistema escolar formal. É viúva e tem três filhos. Foi trabalhadora rural e é comerciante. Mudou-se para o antigo Mato Grosso em 1961. *Entrevista concedida a Eliene Dias de Oliveira. Coxim/MS: 16/04/2013.*

A viagem era longa e difícil, com estradas sem pavimentação e feita com alternância de meios de transporte. Além de Sra. Rosa e Sr. Adão, vieram sua irmã com o esposo e os sobrinhos.

No Pantanal, trabalhando na Fazenda Corixão, ficaram por 09 anos. O trabalho era farto e o frio também, algo desconhecido até então. “Nós não tinha roupa de frio, passemos uma necessidade! Muita dureza na fazenda”. A família vivia de forma simples, cozinhando em fogão a lenha e aproveitando as brasas produzidas pelo fogaréu para aquecer o ferro à brasa que trouxera do Nordeste para passar roupas. Esse ferro de passar roupas, objeto signo representativo de sua história, fez a travessia com Sra. Rosa e ainda hoje é peça central na decoração de sua casa, ocupando lugar privilegiado em sua sala. “Ixi, eu não dou fim de jeito nenhum! Guardo ali. É lembrança né?”

Foi na Fazenda Corixão que o casal teve o seu primeiro filho, Mário. Sra. Rosa trabalhava ao lado do esposo. Era uma lida dura e cansativa para a camponesa que nunca frequentara uma escola, não sabia ler ou escrever, mas aprendera a trabalhar na roça desde os sete anos de idade.

Nesse tempo, dedicavam-se, principalmente, ao plantio do arroz. O patrão fornecia os víveres para a subsistência das famílias e, ao fim da colheita, realizava o acerto com os contratados da fazenda. Após nove anos trabalhando nesse sistema, deixaram a fazenda quando esta foi vendida e vieram então a residir na zona urbana de Coxim, aproximadamente em 1970.

Na cidade abriram um pequeno bar. O Sr. Adão realizava ainda a venda de bananas em um carrinho de mão, para complementar a renda. Afinal, a família agora estava aumentando: “[...] ponhemo um barzinho e meu marido trabalhava em banana, vendendo banana no carrinho na rua. E eu ficava no barzinho. Eu só tinha ele (Mário) de menino, depois de quatro anos nasceu Rodolfo, depois mais quatro anos veio a Ana.”

Passado os anos os “meninos” cresceram, a irmã e o cunhado com quem viera de Pernambuco faleceram, bem como o pai dos seus filhos. Os filhos trabalharam com a pesca por algum tempo. Posteriormente o mais velho se tornou um próspero comerciante do

ramo de peixes e a filha Ana casou-se com um Coronel do Exército Brasileiro, indo morar na capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Mesmo a família progredindo materialmente, Sra. Rosa manteve o seu bar no antigo local, à Avenida Getúlio Vargas, às margens do Rio Taquari, numa região conhecida hoje por ser uma área que comumente abriga casas de prostituição em meio às residências familiares. O contato com o ramo do comércio sexual nunca a incomodou, pois “meus filhos foram nascidos e criados ali e meus filhos são tudo gente que... só trabalham, gostam de trabalhar”.

Hoje, todos os filhos são casados e tem suas respectivas famílias. Sra. Rosa reside em sua casa própria, em um bairro próximo ao bar. Às vezes tem a companhia de um neto. Foi convidada pela filha a mudar-se para a Capital, mas recusou o convite. “Que Coxim é muito bom. Pra mim não tem cidade melhor pra mim morar do que Coxim. Não tem não. Campo Grande eu vou a tratamento.”

### **O casamento como elemento identitário**

Sra. Rosa se reconhece e se apresenta como viúva, embora seja de conhecimento público que a mesma já não vivia com seu esposo à época do falecimento deste. Sra. Joana constrói uma narrativa em que a separação do marido não é mencionada uma única vez, a não ser pela pesquisadora quando faz a apresentação da entrevistada, no início da narrativa, olvidando parte de sua história.

A compreensão do zelo à representação do casamento por essas mulheres deve dialogar com o valor atribuído pelo seu grupo social a essa instituição. Advindas de famílias de formação católica, aprenderam muito cedo que o matrimônio é sagrado e deve ser respeitado até a morte. O conflito instaurado pelo rompimento, voluntário ou não, da situação matrimonial perdura nas vivências posteriores, na dizibilidade dessa narrativa, na in/exatidão dessa trajetória agora transpassada por esse estigma.

É necessário entender o modo como a mulher se percebe e é percebida nos nossos dias como resultado de um *continuum histórico* em que as concepções tradicionais do feminino continuam a ter influência capital para a mulher da sociedade contemporânea. Dentre essas concepções, destacam-se os modelos e padrões do feminino veiculados pelos documentos oficiais da Igreja Católica e pela exegese bíblica que fornecem protótipos de comportamento destinados às mulheres e à sociedade em geral. (TEDESCHI, 2012-58)

A importância do casamento coaduna-se com os valores que culturalmente estas mulheres receberam, em suas formações familiares e cristãs. Neste prisma, a sacralidade do matrimônio, a obediência às leis da Igreja e a coerção social são elementos essenciais para a compreensão da forma como narram suas histórias. Ao partilharem suas memórias, escolhem, selecionam, recortam fragmentos dos seus viveres e dizem como se querem contadas. Intuitivamente, mergulham no universo da memória como uma forma de poder, a partir das disputas e tensões que congrega.

Para Sra. Rosa, a morte do antigo companheiro conclui um ciclo, permitindo que essa história seja agora re/contada de uma forma mais confortável, porque essa passa a ser a história de uma só voz, a sua. Para Sra. Joana o presente é de fato muito presente, como a lhe impingir essa dura verdade, em que “Diante das circunstâncias, o próprio silêncio é testemunha muda de uma verdade que precisa ser calada.” (FAVARO, 1994-305)

Nas intrincadas teias forjadas entre o ontem e o hoje, entre os lugares sociais de mulher casada, separada ou viúva, desvela-se a complexidade das relações sociais presentes no viver de Sra. Rosa. A viuvez “inventada” não se coloca como uma inverdade, uma vez que “Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. [...] Portanto, como discurso em plena elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si”. (B. MEIHY, 2006-153)

Viúva é como ela se vê e se permite ser lida. Para além dos enquadramentos sociais das relações humanas e dos papéis permitidos (namorada, noiva, esposa, ex-esposa ou viúva), a escolha da narradora indicia uma forte ligação ao companheiro e pai dos filhos fundadas em uma convivência longa, permeada de conflitos, tensões e, quisá, realizações, como a construção de uma família e o empreendimento da migração. Ademais, reafirma a

representação da mulher legitimada pela moral judaico cristã em que “A maternidade, o papel de mãe e o casamento irão ser os alicerces deste modelo social”. (TEDESCHI, 2012-88)

Portanto, no texto que ora se apresenta Sra. Rosa é lida como viúva, o que permite o repensar dessa categoria em relação à imagens de “desamparo, de abandono, de solidão e de recolhimento ao privado” (POSSAS, 2009-141). Em outra via é possível perceber, nas brechas proporcionadas pelo status de viúva, a realocação dos poderes e a ressignificação de práticas sociais que podem traduzir uma situação de empoderamento. Empoderamento que se realiza a partir de uma maior liberdade na administração de si mesma, da família e dos negócios, esferas estas antes pautadas pela presença do antigo companheiro.

Sujeitos perpassados por identidades híbridas, as trajetórias de Sra. Joana e Sra. Rosa dizem da ausência de um sujeito masculino, o marido, e da necessidade de se tomar as rédeas da própria vida.

A partir da finalização de um ciclo de vida que compreende o matrimônio e a maternidade, elas assumem condições de troca nas relações de poder, permitindo que tanto individual como coletivamente assumam o controle de suas vidas e por efeito planejem com autonomia suas necessidades, traçando objetivos e estratégias. (POSSAS, 2009-144)

Ambas escolheram continuar sós e não se permitiram um novo matrimônio. Passaram a tomar decisões importantes, como a venda da casa e mudança para outra cidade ou a permanência em Coxim. Passaram a administrar os bens que restaram. A recusa a um novo casamento, a leitura de si como viúva, a não assunção da condição de separada, os silêncios, as olvidações e as ocultações remetem aos meandros da memória e aos processos de subjetivação desses sujeitos, no renegociar contínuo entre o vivido e o que é permitido na narração de si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Dulcina Tereza Bonati; PUGA, Vera Lúcia. Repensando as relações de gênero em processos-crimes em Uberlândia 1970-1980. *InterAÇÕES - Cultura e Comunidade* / v. 1 n. 1 / 2006, p. 124-140.
- CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres: a Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.
- FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências. Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1875-1950)*. Curso de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 1994.444 f.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Augusto & Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.
- POSSAS, Lídia M. V. Sentidos e significados da viuvez: gênero e poder. *Dimensões*, vol. 23, 2009, UFES, Programa de Pós Graduação em História.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- TEDESCHI, Losandro. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2012.